

A MONJA

Via no claustro.

Era a superiora de um recolhimento da villa de... seguia um pequeno atalho sinuoso, cercado de uma sebe viva e ia atravessar a ponte rustica do regato que alimentava o lago do hortejo, e que dava acesso ao parlatorio.

Andava a respirar o ar livre.

Apercebendo-se que olhares profanos a observavam, teve um estrechimento e, occultou-se por entre a ramalha do arvoredo, entrando na porta estreita e coberta de herva, subindo rapidamente os degraus e desaparecendo na penumbra escura. Não me enganára era effectivamente soror Lucia!

Possuira um bello rosto emoldurado em densos e sybilinos cabellos castanhos; fóra de uma belleza assombrosa fascinadora.

Os seus labios tumidos e rubros jamais sentiram a sensação de um beijo.

Passava horas e horas fitando os mysticos cirrus que branqueavam o espaço, o niemprativa, procurando descortinar mysterios das nuvens nebulosas, seguindo o vago itinerario dos astros errantes, num soroço indefinível, alando o espirito a regiões ignotas; querendo sondar a immensidade etherea; deixando correr, insensivelmente, lagrimas que se lhe iam in-

filtrar na epiderme alva do seio; hes de alisar que se iam occultar no escriptorio, no recesso intimo do seu coração roseo.

E quedava-se melancolica a ver passar os insectos, as aves felizes, a beijarem-se; seguir-aos com o olhar, at embrenharem-se na atmospheria annilada, perderem-se...

Impedidos! Para que iam perturbar a doce e serena paz dos que viviam lá, além; tental-os!

Sentia um tremto percorrer-lhe o corpo; uma temperatura calida agital a.

Nunca ninguém a beijára! Tivera a allucinação do primeiro beijo.

Aquelles pequeninos seres foram os mensageiros do peccado; descortinaram-lhe o desconhecido; fizeram desaparecer a placidez do espirito candido daquella creança.

Até então, somente sen pae a oscular na fronte...

Pareceu-lhe que o seu destino o seu futuro, estavam nas azas tenues das aves, dos insectos, que se perderam no azul, devassando mundos, perigrinando amores, bafejados pela aragem tepida.

Ficára muito tempo entorpecida, muda...

Ao despertar, turvou-se lhe a vista como se tivesse revelado num emaranhado abysmo; sentiu perturbada a sua tranquillidade, arrebatada as suas illusões.

Obedecera aos incentivos, ora brandos, ora energicos; ás prescripções fataes da natureza.

Metamorphosara-se e, os seus labios tumidos e rubros confrangeram-se em anclas de beijos prolongados, beijos como os que a despertaram, impiedosos, dados livremente.

Era captiva do peccado!

Cherou e orou; fez preces pelas almas dos lyrios, das aves, dos insectos amantes; leu e releu as suas orações, até sumir-se a ultima restea de luz crepuscular e adormeceu.

Sonhára palacios luxuosos, soberbs edificios, pedrarias, gemmas, rubis sanguineos, perolas preciosas.

Era formosa, encantadora; teria a villa triumphal, arrebatada nos deslumbramentos do luxo; no viver aprazivel; voando como as mariposas celeses, sem destino, num vago itinerario, gosando livremente.

Não se anniquilaria.

Sentia uma lava a dente estuar lhe os seios. Ia ser feliz; viver para as expansões; experimentar as petipicadas dos roanches epaixonados; ter o prazer das aventuras ephemeras, num tumultuoso boiborinlio, numa atmospheria comburent de almiscaras, no scintillar de luzes, de crystaes facetados, onde a sua belleza esculptural tivesse maior realce.

Presa, emolgada, persistia naquella sonho, como

NINON DE LENCLOS

esmeralda d'aranga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atrahendo sempre os pedagos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua enucatorada physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verdadeiramente scilicet-scilicet-golo a dizer o velho rubicundo, como a raposa de La Fontaine fazia das suas. Este segredo, que a celebre existista faciera jamais confôrta a quem quer que fosse das pessoas daquella época, descobrio-o o Dr. Lecoute entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31 à Paris.**

Esta casa tem-nô á disposiçao das nossas elegantes, sob o nome de **LE RITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante no pescoço e aos hombro Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIÈRE

que augmenta, engrassa e brunea as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDRE MANODERALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convém escolher e verificar o nome da Casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emulções e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranpõe, elixa, asseina a epiderme, impede e destrói as freiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas herbilhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Rolhos**, prohibo seu igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES Para ser bella e encantar todos, cêlhos leve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do arroz frito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrallos empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que liquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

Os dentes estragados e orelhas doiradas com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

.TOSSE. DEFLUXO. BRONCHIITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos penurios de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE

Fazer a marca registrada Delangrenier Paris

São encontradas em todas as Pharmacias

VINHO DE CHASSAINO

Recoltado ha 30 annos CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS I-ESTIVAS Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINE" FALIÈRES

é o mais recomendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 annos, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a digestão e concorre para boa formação dos ossos.

PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE

Pó Laxativo de Vichy do Dr. SOULIGOUX

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES



Por sua notavel concentração das plantas as mais úteis e as mais salutaras, a

AGUA DE MÉLISSE DOS



BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Succesor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de **Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, as Vertigens, as Syncopes, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.**

Uma pequena colherada para ou sobre um pedaço de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

A ESTAÇÃO (supplemento litterario)

havia persistido nos seus sonhos de innocencia, quando vira passar as aves, os insectos doirados pela lamina de um raio de sol.

— Foram elles que a despertaram e fizeram-na escrava do peccado...

— Impiedosos! Vieram toldar o horizonte fulvo da sua vida; e para approximar-se uma nuvem espessa e sombria; acommettiam na vertigens; parecia-lhe que nos seus labios crom libados beijos venturosos, provocantes.

Fecrava as palpebras, mergulhada, immersa no prazer, cheia de languor e ternura, parecendo colher os fructos do amor.

Via afastar-se o seu herço de innocencia, a sua infancia, para muito distante, muito...

Pensava em possuir salas orientaes de paredes forradas a pesados estofos, ante camaras perfumadas; aposentos tapeçados, respirando essencias meridionaes, violentas e excitantes; um paladio de ostentação, de alegrias sem conta, onde tivesse scenas amorosas dignas do pincel do mais correcto artista; onde os seus olhos negros tivessem mais fulgor; onde não fossem annuados o seu bello semblante, a sua mocidade e a sua graça.

E ia numá phase crescente de desvario; não dominava os impetos da sua organização vibratil e delicada, parecendo ceder a caricias blandiciosas, embebedas na peçonha amara a encantos fugazes.

Ouvia madrigaes, idylls, scenas de melodramas, entre risos e lagrimas abafados nos seus aposentos; ouvia galanteios; era atrahida pelo crepitar de luzes; sentia palpações, ancias...

Quando despertava, sentia o cansaço, empallidescia, descorava como as rosas batidas pelas nortadas, invadia-lhe a saudade e volvia o pensamento ao passado, querendo furtar-se áquellas tentações que a embriagavam como os licores captivos, como os vinhos espumantes.

— Ficava hesitante...

— Nada! Almejava outro vive!

Se pudesse ter um amante espirital!

Iria viver em retiro, contrita, cheia de unção e fé orando, ao crepitar dos cirios, entre espiraes de insenso, penitenciar-se-ia, fervorosamente; seria sua serva, contanto que lesse no seu olhar cheio de doçura e bondade, o perdão dos seus erros.

— Isso, sim: é que ella almejava!

Quizera percorrer a via dolorosa do amor, não pelo peccado, mas pela fé, e merecer a graça infinita. Seria monja!

Via no claustro.

Era ainda da mesma belleza assombrosa e fascinadora; a pallidez dava maior realce aos seus encantos; os seus olhos negros tinham o mesmo fulgor.

Sr.ª Lucia andava respirando o ar livre; seguia o pequeno atalho, sinuoso cercado de uma sebe viva, e ia atravessar a ponte rustica do regato que alimentava o lago do hortelho e dava accesso ao parlatorio.

Ocultara-se entre a ramaria das arvores para que não a vissem olhares profanos e entrara pela porta estreita coberta de hera, desaparecendo na penumbra; a melancolica serva do Senhor habitava uma cella escura, triste, da qual contemplava as nuvens nebulosas; seguia o vago itinerari dos astros errantes; fitava os mysticos cirrus que branqueavam o espaço, deixando correr lagrimas, insensivelmente, lagrimas crystallinas, foz de alfojar que se lhe iam infiltrar na epiderme alva dos seios e se iam occultar no escriptorio do seu coração roseo.

Conservara-se pura.

Envolta no habito de estamenha; tendo os mi-moscos rosados, nu, em aparçagas glosseiras, espicera os seus sonhos de opulencia, as peripecias

das aventuras ephemerias; as caricias blandiciosas embebedas na peçonha amara.

— Tudo fóra uma chimera!

Era feliz. Alli tambem passavam insectos impiedosos, aves que se beijavam, papelando, gazis, e que se perdiam na atmosphaera annilada, mas não a tentavam; não perturbavam a doce e serena paz em que vivia.

Era esposa de Jesus Christo; era serva do Senhor, a quem adorava; fizera-se monja, fugindo ás tentações do peccado e chamavam no Sr.ª Lucia.

Rasgara as primeiras paginas do romance da sua vida; procurava suffocar as ancias de beijos que lhe fizeram confranger os labios tumidos e rubros; entregara-se á fé e á caridade, cheia de unção e creença.

— Era monja!

27-3-1901.

C. MACEDO.

Soneto (*)

Corria-me a existencia descuidosa,
Toda risos, toda luz, toda alvorada;
Minh'alma ás regiões alandradas
Niveas azas livrava esplendorosa.

Aninhava-se em meu peito dulcorosa,
Candidissima esperanza; e as mais sagradas,
Puras illusões dos céos baixadas
Traziam-me n'um sonho côr de rosa.

Tudo, porem, desfz-se! Apenas vejo
Agora, quando busco, quando almejo
Novamente gosar do que hei gosado.

Tetrico vulto, dominando tudo,
Negro phantasma, horrivelmente mudo,
Me acenar das ruinas do Passado!

FERNINO FERREIRA.

(*) Reproduzimos este soneto por haver subido com grande incorreção a n'um numero atrazado.

Estrellas e Flores

No céo ha flôres brilhantes
Na terra estrellas cheirosas;
De petalas de diamantes,
O céo repeta-se em rosas!

Na terra brillam as flôres,
São estrellas terrenaes!
Sentim luz de mil céos
As rosas nos seus rosas!

No céo ha lyrios tão grandes
Esparsos pela extensão,
Que murcham aroma nas Andes
Nos raios de luz que dão!

Ha na terra pequeninas
Estrellas de magos lumes,
Que desprendem das boninas
Seus raios feitos perfumes!

E assim as flôres do céo
E as estrellas terrenaes
Unidas, em lindos véo
Distendem sobre os mortaes!

J. JON.

Rio, 24-3-1901

TELA NEGRA

(AO MARCELO ARNAUD)

Morta pra sempre
Para sempre morta
J. TAPAJÓZ.

— E' mentira! — Bradei n'um grito rouco.
E todos soluçavam tristemente
De olhos fitos na morta; e eu, como um louco,
Via mui branca no atauda ardente.

Mentira! e a minha dolorida falli
Vibrava pelo espaço em sons sentidos,
Ah! eu sonhava agora despertal a
Naquelle grito cheio de gemidos.

Mentira! e a minha bocca então se unia
A' sua casta bocca que sorria
Sentindo ainda talvez a morte avara

Mais ai! recuei, o corpo apodrecido,
Cheirava mal; só então fui convencido
Só então chorei a morta que eu amára!

N. ABREGA JUNIOR.

103.

CURIOSIDADE INGLEZA

E' sabido que os viajantes Ingleses, são como verdadeiras traças que atacam os monumentos que encontram por esse mundo afora e delles tiram reliquias que vão figurar depois nos seus museus particulares. Até hoje contentavam-se com levar consigo pequenas recordações dos monumentos por elles visitados. Eis, porem, que «Menestrel» nos dá agora noticia de que um amator acaba de hirar do cemiterio S. Marx, de Vienne... a pedra tumular, que indicava o sitio provavel, em que jaz o grande compositor Mozart!

Accrescenta o mesmo jornal, que se desconfia de que tenha sido algum viajante inglez, colleccionador de antiguidades!

Esta só acudia a um excentrico britânico!

Mas porque artes se pode tirar de um cemiterio uma pedra tumular; leva a para fora, sem que os guardas dessem por isso? Teriam sido comprados? Neste caso o facto mostra o grande empenho que teve o supposto amator de curiosidade de possuir semelhante monumento. Mas se assim é, se julgou que elle indicava o verdadeiro sitio, em que encontram os restos mortaes do insigne compositor, perdeu seu tempo, trabalho e dinheiro. Até hoje igoorase onde Mozart fora sepultado. Tambem se pode dar a hypothese de que o supposto excentrico inglez quizesse tirar a pedra do seu logar, visto que ella nada significava ou não satisfazia á curiosidade do publico e do viajante.



Mulheres e crianças chinezas em trajos de primavera.

Doce de goiaba inteira recheada

A goiaba não ha-de ser verde, nem muito madura, descança-se, faz-se uma roda no fundo com um canivete, tiram-se os caroços todos com um pausinho, lava-se com o dedo por dentro para se extrahir algum agonia, deita-se logo na calda e ferve-se; no dia seguinte tira-se a mexa e no outro dia ferve-se e deixa-se a escorrer em uma peneira, prepara-se calda nova e põe-se em meio ponto de pingar, isto é, depois de pasta alta. Note-se que esta fructa não se mexe com a escumadeira, balança-se com o tacto, guarda-se até encandilar, depois secca-se, prepa-

vida campezina, sinto-me preso da maior das angustias e arrependo-me de ter sido assim cruel...
A borrasca passou, e no céu luminoso o arco da allançã explende.

Voltasse eu hoje a essa morada risonha que o teu vulto gracil enflora e alegre e, tu, Julia, (pelos teus cabellos perfumados!) havias de me ver aos teus pés rendido, pedindo-te perdão pela tortura que te causou a rudeza das minhas palavras de honlem.

todas as minhas leitoras, que tenham filhos, recomendo o Colunay como um complemento indispensavel da educação physica e moral das crianças. Não se imaginam os benefícios que para ellas resultam dessas festas que se



Scena no mercado de Changhai.

Versos

Luminoso o sol explende
no céu-rutilante umbrella.
Minha alma é feliz! Comprehenho
que outra alma se lembra della.

Penso em ti, pensas em mim,
D'abi os nossos pensares
v am, pelo céu sem fim,
encbendo os ares.

Do peito, quebrando as grades,
voam, como o pensamento,
nossos beijos e saudades,
n'aza do vento.

Vão saudades! Bando exul
à terra toda encmbrando,
vaando de norte ao sul,
do sul ao norte voando.

E o sol de argenteos lampejos
não nos deslumbra,
que a nivem dos nossos beijos
o sol obumbra.

Milras, 1901.

BELMIRO BRAGA.

Cartas á Julia

Honlem o dia da nossa reconciliação.
Confessaste-me tudo, e a cada phrase dos teus purpuros labios descaia sobre tua cabeça o meu perdão.

E, agora, ao imaginar-te docil, recompondo-me—facto por facto toda a litoria de um amor que te alegras em tempos idos os dias monotonos dessa tua

Ah! feliz, muito feliz o que nunca teve o coração
alanceado pela suspeita de que Aquella por quem
vive e por quem morre conserva no pact vivissima
ainda a lembrança de um fugitivo amor e que pode
um dia vir a enflorar se e a florir!...

Julia, era essa suspeita a causa de todo o meu pa-
decer; e, agora, ao devolver-te esses versos—tão nefandos
bontem e hoje tão castos—deixa que eu depositena
símbrila do teu vestido branco o mais innocente dos
beijos; e que o nosso amor—como um rio que asso-
berbado pela cheia sahisse fóra do seu alveo e alaga-
sasse campos e campos—volte ao leito prmitivo e des-
lize—margens floridas sempre—sem o mínimo rumor,
até desaguar muito longe nesse negro e tormentoso
mar—a Morte...

1901

RAPHAEL.

CHRONIQUETA

Rio, 24 de Junho de 1901.

Escrevo este artigo ainda sob a impressão das
suavias mais selvagens que tenho presenciado desde
que conheço esta infeliz cidade, tão digna de melhor
sorte.

O povo fluminense foi barbaramente e covardemente balen-
do pela policia; eadram nesses riuas homens innocuos,
assustados ou feridos pela soldadesca da rua dos Bar-
bours, no mundo de officiaes inconscientes ou estupidos,
malucos ou sanguinarios.

E tudo isso porque o povo, ou antes uma parte do
povo, num justo movimento de indignação, protestou con-
tra o augmento das passagens nos bondes da Companhia
S. Christovão,—reclamação tão legitima que foi attendida
por aquella empresa, que, aliás, não tinha melhor deli-
beração a tomar.

Não occupemos, porém, a attenção das aasas fermo-
sas leitoras com tão dolorosos assumptos, e esperemos,
votando, pelo «resonoso Inquerito» que sobre os desman-
chos da policia o governo mandou abrir... pela propria
policia.

Se alguma coisa me p ude consolar da tristeza cau-
sada pelos excessos policiaes, foi a segunda festa do Co-
lunay Club, realisada hontem no Jardim Botânico.

Não ha rhetorica sufficiente para esbocear a noticia
dessas bellas festas infantis, que vieram ta o caso de
empregar a chapul prelenheir uma possível lacuna. A

realizam todas as vezes, ora aqui, ora ali, no Parque
Fluminense, no Jardim Botânico, nas florestas das Pa-
mouras e da Tiquea, no formoso e ignorado Jacarepaguá,
no Jardim Zoologico, etc., sempre ao ar livre, sempre ao
sol,—o sol, esse grande amigo das flores e das crian-
ças.

No obituario destes ultimos dias figurou o nome do
Dr. Carlos Feldhagen, um fluminense distinctissimo, medico
de grande competencia, cidadão que primava pela
elevação de caracter e por uma educação que lhe dava o
verdadeiro tipo do gentleman.

A noticia do seu fallecimento passou quasi desperce-
bida, soffrida, como foi, pelo barulho da cavallaria dep-
hical, e o seu cadaver baixou á sepultura como um ca-
daver anonymo.

Isso não impede que o Dr. Carlos Feldhagen seja
prezado por numerosas familias que o consideravam a
providencia do lar, e guardarão religiosamente a sua
memoria como a de um homem de bem, verdadeiro apos-
tolo da sciencia, para empregar aqui um termo que tantas
vezes tem sido mal applicado.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

Rio, 20 de Junho de 1901.

Estreou-se no Apollo a companhia Souza Bastos com
a opereta a *Beneza*, de Andrau, fazendo o papel da pro-
tagonista a actriz Palmira Bastos, esposa do empresario,
que é realmente graciosa. Não lhe faltaram applausos.

Seguiu-se a opereta *Giroffé e Giroffá*, um das parti-
turas mais sulitantes do Lecocy. Ah! o heróe da noite
foi o eximio actor comico Alfredo de Carvalho no papel
de Bolero de Alexandre.

Os artistas do Lucinda, que parece terem prodilecto
pelas velhas peças, fizeram uma reprise, aliás pouco in-
teressante, da *Filha do Rei*.

Pelos modos, a companhia do Recreio está desmanta-
lada; poucas vezes ligura agora nos annuncios, e, segundo
se diz, alguns artistas dessa companhia vão dar especta-
culos em Helle-Horizonte, capitaneados pelo actor Colias.
Temos notado que todas as companhias de que faz parte
este artista se desmantelam.

O publico fluminense continua a preferir a tudo o
Moulu-Rouge, o Cassino Nacional e o Jardim da Guarda
Velha.

Sua alma, sua patria.

X X X

NOVIDADES MUSICAES

Recebemos e agradecemos.

Do Sr. Manoel Antonio Guimarães, Machuca, cançõeta, letra do Patrocínio Filho e musica de Francisca Gonzaga; Gostoso, tango por D. do Sacramento; Preciso fallar te, tango por Amilto Sans; Rio Grandense, schottisch de J. M. de Azevedo Lenos; Ouvidoriana, polka militar de F. de Carvalho; Encantadora schottisch de J. C. Christo; Revoalhas, schottisch de Ernesto de Souza; Me Compra Yoyo, cançõeta de Eroesto de Souza; Aurea, polka de Alfredo Castro.

Dos Srs. E. Bevilacqua & C.

Sur les bords du Tieté, barcarolle, musica de G. Foschini; Ora Mistica, melodia por canto, poesia de A. Bignotti e musica de G. Dufriche; La Tarfalla, valsa de E. Gelli; Pagã, valsa de G. R. Brilo Fernandes.

Dos Srs. Fernin de Vasconcellos, Morand & C.

Quadrilha dos Solteiros, musica de Costa Junior; Meus Olhos, cançõeta, musica e letra Julio de Freitas Junior; Não Comi, polka de Luiz Martins Corrêa.

Correspondencia

Muita attenção—Aos assignantes de publicações estrangeiras tão somente, temos o prazer de avisar que sofrerão grande abatimento por causa das melhoras do cambio, as assignaturas de Jornaes, Revistas, Gazetas e Illustrações, etc., etc.

Pede-se toda a clareza no nome das pessoas que se dirigirem á nossa casa por correspondencia, assim como indicar por extenso o lugar de residencia e nome do Estado.

Os pedidos de informações devem vir sempre acompanhados de um selo de 200 réis para a devida resposta.

A. Lavignasse Filho & C.

AVISO ÀS SENHORAS.



O'APIOL Dos Drs **JORET e HOMOLLE**

CURA **AS DORES, OS ATRASOS A SUPPRESSÃO REGRAS**

DEPOSEMOS GERAL

Ph. G. SÉGUIN, PARIS
165, Rue St-Honoré, 165
E EM TODAS PH'S E DROGS

PROPHECIA

Si o rei dos deuses, o patente Jove, precisasse de louças algum dia, oh! com toda a certeza as compraria na rua Larga, cento e vinte e nove.

MARIA JULIA

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recommendado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZUE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bⁱⁿ BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSOES, das ENXAQUECAS, etc. 16 ANOS DE SUCCESOS.

FUMOZUE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacies.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Esija-se a Assignatura ALBESPEYRES no LADO VERDE. FUMOZUE-ALBESPEYRES, 78, Faub^o St-Denis, PARIS e AS PRINCIPAES PHARMACIAS.



DR. PIVER PARIS

REFLE

Incarnat

NOTO PERFUME

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA

CAUTELA COM AS IMITACOES

O DENTARIUM

É DIRIGIDO PELO CIRURGIÃO DENTISTA **PAUL KIEFFER DE PARIZ**

LAUREADO COM DISTINÇÕES PELA FACULDADE E DE MEDICINA

A tabella adoptada pelo O DENTARIUM e que esta sendo diariamente publicada nos principaes jornaes, não fô estabelecida com o fim de fazer affluir a clientela para depois cingir-a a acceptar preços differentes dos publicados.

CONSULTAS GRATUITAS

Extracções de dentes ou raizes.....	20000
Anesthesia local (com cocaine ou nervalina).....	20000
Limpeza geral dos dentes.....	50000
Obturar (vulgo chumbar) á platina, prata, esmalte, osso artificial, cimento, isonandra, porcellana, etc.....	50000
Obturar a ouro (vulgo chumbar) de 105 a.....	300000
Remoção de polpas e tratamento dos canaes de dentes mortos (contando a parte a obturação da coroa do mesmo).....	30000
Dentaluras de vulcanite, cada dente seja qual for o numero.....	50000
Idem, cada dente chapeado eu ouro de lei, seja qual for o numero.....	100000
Dentalura de ouro de lei, cada dente seja qual for o numero.....	150000
Idem, sem chapas, sem grampos ou colchetes, sem molas (este processo é o chamado "travali á pont) cada dente.....	350000
Dentes e coroas de ouro de lei garantidos (sem solda).....	200000
Dentes á pivot (de accordo com os modelos que apresentaremos aos nossos clientes) 105, 205, 305 e.....	400000

PRESTAÇÕES

Finalmente, devolve-se a importancia dos trabalhos protheticos que por qualquer motivo não estiverem a gosto do cliente.

12 RUA DOS OURIVES 12
das 7 horas da manhã ás 8 da noite

VICHY-ÉTAT

VICHY-HOPITAL
Molestias do Estomago e do Intestino.

VICHY GRANDE-GRILLE
Molestias do Fígado e do Appareho bilioso.

VICHY-CELESTINS
Molestias dos Rins e da Bexiga, Gattas, Diabetes.

AO RECEITAR ESPECIFIQUEM BEM O NOME

PASTILLES VICHY-ÉTAT
COMPRIMÉS VICHY-ÉTAT

CRÈME SIMON

PARA **CONSOVAR ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.**



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, e indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓZ de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a **Anemia, Chlorose** e todos os casos em que se trata de combater a **Pobreza do Sangu**.

A felicidade pelo casamento

Uma das minhas intelligentes leitoras brasileiras escreveu-me uma carta encantadora, em que me dá a honra de pedir-me alguns conselhos praticos para a vida do seu «ménage» insipiente.

Com uma percepção finissima dos mil deveres complexos da sua nova existencia, peço-me ella algumas notas, que a experiencia por ventura me forneça acerca de uma questão tão suprema — a felicidade pelo casamento!

Longe de ter a noção falsa, perigosa, sentimental de que a felicidade do nestado é uma planta que medra espontaneamente sem cuidado de cultura metuculosa e intelligente, ella sabe, não porque a vida lhe ensinasse mas porque é sagaz e observadora, que não ha planta de estufa mais delicada, mais difficil de cultivar e de conservar se não a vida. sempre opulenta de colorido e de seiva do que essa planta que parece vir d'um clima estranho tal é a individualidade com que se habitua a viver entre nós.

Não basta amar, não, minha pobre e gentil noiva de vinte annos; é necessario *saber amar*.

E que arte complicada, exigente, feita de pequeninos mais indispensaveis detalhes!

O que mata em flor a felicidade de quasi todos os casaes é a falsa idéa em que se tem estado até hoje, de que o amor existe por si só; como Deus, e não precisa de condições de desenvolvimento além daquellas que lhe são immanentes. E as mulheres e os homens, seduzidos pela attracção instinctiva que os arrasta uns para os outros e à qual dá o nome de amor, julgam que essa sensação momentanea durará toda a vida, e bastará para enchê-la de gosos e de alegrias intimas, perduraveis e immortaes.

Amar então com todas as imperfeições de sua indole, com todas as exigencias do egoismo, com todas as levandades do seu temperamento, com todas as coleras ou todas as impaciencias do seu genio e ficam desolados ao perceberem que em pouco tempo deram fim ao que lhes parecia eterno, destruíram com inexperiencia infantil o que lhes parecera durar sempre.

Que culpa tem o amor das culpas humanas?

Não o maldigamos. Elle é o grande consolador das nossas agonias, elle é o sentimento que mais de perto nos faz comprehender o sonho ambicioso de uma felicidade infinita.

Quantas vezes elle mente ás suas promessas, por culpas que são nossas, e que não nos atrevemos a confessar.

Tenho visto mulheres desfazerem pelas suas proprias mãos a felicidade da casa; tenho visto tambem pobres e obscuras martyres luctarem pela conservação da paz interna, do alinhamento domestico, da organização da familia e nada mais conseguirem senão... morrer exauridas de força!

De resto, estas cousas são tão contingentes, prestam-se tão pouco a que a respeito d'ellas se formule uma lei geral!...

O que no entanto é fóra de duvida é que sem esforço não ha bem algum terrestre digno de merecer o nosso apreço de creaturas pensantes, de organizações superiores.

Fazem-me sempre rir os *amores* deste mundo. Em cem sentimentos que se intitulam assim, muitas vezes nenhum merece o nome sagrado que roubou!

E admiram-se depois que a felicidade seja tão rara!

Sob o nome generico de *amor* quantas variedades de instincto, quantas explosões de temperamento, quantas satisfações de vaidade!

E no entanto poucas são dignas de sofrer!

Nunca houve sentimento mais nobre, mais raro e mais... profanado!

Amor é tudo! Como se o amor não fesse uma intecção lenta qual a alma se vai elevando á contemplação do infinito.

Sabia amar aquelle que disse esta phrase profunda e triste: *Tout ce qui doit mourir est court!*

— E contudo qual é o amor que preenche uma curta vida de homem? Nenhuma.

E' que poucas almas sabem supportar as amargas e profundas delicias d'este sentimento, pelo qual o homem afirma a sua ascendencia superior

E' necessario ter a capacidade de sofrer muito, para se saber amar muito.

Ninguém compra a posse d'esse *dom* sagrado senão com muitas lagrimas!

Provavelmente, minha querida senhora, deixei-a em uma incerteza igual a quella em que estava antes de me haver consultado.

Que quer?

Para cousas d'estas não ha preceitos sem axiomas dogmaticos.

Se se sentir capaz de abdicar de si a ponto de fazer a sua felicidade da felicidade que dêr a seu companheiro de vida, estou certa que atingirá a elevação sagrada a que aspiram as que amam!

Se quizer achar no amor a satisfação das suas vaidades juvenis, dos seus caprichos de mimosos, de suas graças de *coquetterie* innocente, não tente mesmo a experiencia — ha de sahir-se d'ella cruelmente para si.

A felicidade pelo amor é o preço d'um esforço sublime, d'uma aspiração divina!

E' por elle custar tauto a atingir que merece o valor que lhe damos!

Para a creatura nobremente imbuída da idéa do seu destino, só tem merecimento o que include o trabalho esforço, lucta e aspiração racional!

Não se entregue passivamente á vida que desenrola diante de seus olhos. Combata para alcançar a felicidade, e verá que doce ella lhe vai ser, quando a vir como o premio legitimo do seu legitimo e nobre esforço moral.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

Lamento

Um diluvio de luz cae da montanha:

Eis o dia! eis o sol! o esposo amado!

Onde ha por toda a terra um só cuidado

Que não dissipe a luz que o mundo banha?

Flora casto medrada em crua penha,

Revolto mar ou golfo congelado,

Aonde ha ser de Deus tão olvidado

Para quem paz e alivio o céu não tenha?

Deus é Pae! Pae de toda a creatura:

E a todo o ser o seu amor assiste:

De seus filhos o mal sempre é lembrado...

Ah! se Deus a seus filhos dá ventura

A esta hora santa... e eu só posso ser triste...

Serei filho, mas filho abandonado!

ANTHERO DE QUENT L.

O maior navio

No principio do mez passado, diz a *Shipping Gazette*, foi lançado ao mar em Belfast o primeiro navio de 20.000 toneladas de que ha memoria no mundo.

Sem o menor embaraço, e com pouca cerimonia, mas entre os applausos entusiasticos de muitos milhares de espectadores o enorme leviathan, o *Celtic*, sahlu das carretas onde estava ha dois annos desde que começou a sua construcção. Certamente o lançamento ao mar de um navio desse genero não é um máo começo de seculo, tanto para os seus proprietarios como para os seus constructores.

A White Star Line e os Srs. Harland & Wolff desde ha muito tempo cooperam para o desenvolvimento da navegação oceanica e de combinação muito tem feito para apressar esse desenvolvimento.

O *Celtic*, derradeiro producto dos seus esforços combinados, é, e por grande differença, o maior navio jámais construido em todo o mundo

Quando estiver prompto para se fazer ao mar poderá dar moradia a um numero de pessoas duplo daquelle que o maior hotel da terra pôde accommodar.

Terá além d'isso um pessoal de bordo, cujo numero não será inferior a 350 homens.

Grande como é, porém tidas em conta as actuaes exigencias do serviço atlantico, não é absolutamente importuna a sua construcção.

A unica tristeza que empanou a alegria do auspicioso acontecimento do dia foi a recordação de que a sorte não permittiu ao Sr. T. H. Ismay assistir ao lançamento deste navio, cuja construcção fóra a ultima de suas ordens e cujo acabamento propcionava á navegação ingleza e ao commercio inglez mais um passo na grande trilha da civilisação, que em grande parte se lhe deve.

O *Celtic* tem 700 pés de comprimento, 75 pés de largo e 41 pés de profundidade, com uma tonelagem de 20.830 e um deslocamento de 37.700 toneladas, quando carregado.

O famoso vapor *Oceanic* da Linha Star Line, lançado ao mar no principio do anno de 1895, é até hoje o maior navio que fluctua sobre os mares: o *Celtic* é, entretanto, 3.600 toneladas maior. A tonelagem de deslocamento do *Celtic* é quasi dupla a do *Kaiser Wilhelm der Grosse*, e 10.000 toneladas maior do que a do *Great Eastern*. Ao seu lado os couraçados e cruzadores modernos são quasi pigmeus. O couraçado mais moderno tem necessariamente o seu calado e a sua largura, mas o *Celtic* é mais de 300 pés mais comprido e o seu deslocamento é muito superior ao do maior deslocamento dos referidos couraçados.

Realizado o lançamento, os espectadores tiveram occasião de admirar as nobres linhas do novo vapor, quando elle já fluctuava no rio, dominando como um gigante tudo quanto lhe estava em torno. Os rebocadores que estavam ao pé delle pareciam verdadeiros brinquedos.

Belfast estava justa e perdoavelmente orgulhosa da sua derradeira produção, o maior triumpho da sciencia da construcção naval a que a humanidade jámais assistiu.

Diz-se que antes do mez de Julho o *Celtic* estará completo e prompto para fazer o serviço do commercio transatlantico.

BIMAS

AO TENENTE VIDAL

Qual penna que o vento leva,
A mulher sempre varia!
Ai! bem tolo quem se fia
Nas loucas promessas de Eva!

V. Hugo.

Quando a lyra da tristeza
Num canto idealisa amores,
O coração em tremores
Pede á corola das flôres
Balsamos da natureza —
— Oh! triste fado e destinos,
Ai, que tristes desatinos!

II

O' tu galhardo vade do ideal,
O' tu que como Dante, ou qual Petrarca,
Ou qual Tasso immortal hoje te altelas,
— Poeta! — se o coração! hoje te abate,
— Conder! afoga essa paixão que bate!

III

O vento que sibila, o raio que fulmina
Ai! não têm o poder do teu sorriso vão,
O' mulher — O' mulher! estrela peregrina,
Na luz do teu olhar queimei o coração!
E procurei na dor um laivo de esperança
Mas apenas achei a minha viltar dança
E chorei... e chorei aos gritos da paixão!

ASHAVERAS

Mundo em ruínas

Cantar, si o coração suspira ? !
Deixal-o, ao menos, suspirar
E possa, agora, a voz da lyra
As suas maguae embalar.

Ai, vem-me d'alma esta saudade,
Desesperado e torvo mar
Que estoira, ao longe, á claridade
De algum extranho e doce luar.

Porque desperto, a noite em meio,
E fico, tremulo, a escutar
Os vagalhões dentro em meu seio:
Desillusões, luto, pezar ?

Em certas vezes, no alvo rio
Queixoso e lento, a murmurar,
Me julgo, sob um ceu de estio,
Vendo o meu sonho deslisar.

Tomam-me, então, visões de outrora:
Oh, como é doce o recordar !
Mas logo o tédio me apavora
E, dentro em mim, ouço dobrar,

O tempo, creio, tangê o sino ;
Porém que triste badalar !
Talvez que o tanja o meu destino
E a noiva levem-me a enterrar.

E estou distante ! Quem me dêra
Cortando o espaço, voar, voar,
E as suas palpebras—chimera !
Piedoso e teno, então fechar !

Poder também na sepultura
Contrictamente ajoelhar
E nessa terra, sacra e pura,
Algumas rosas desfolhar !

Embalde, embalde ! a noite desce :
— Presentimentos, dôr, penar.
Si azas tivêra a minha prece
Fôra em seu tunulo pouisar !

E' morta, diz-me o pensamento ;
E como, em furia, o velho mar
Explode, irrompe o meu tormento,
E o coraçãopode chorar ?

CARVALHO ARANHA.

As façanhas de Dewet

O capitão inglez Corballis, que foi feito prisioneiro pelo general Dewet, com todo o comboio que escoltava, publicou no *Daily Mail* curiosos pormenores das campanhas de Ch istiano Dewet, o berce boer, cuja historia será no futuro considerada como uma lenda.

Na marcha que emprendeu a oeste de Pretoria para se reunir ao general Botha, os inglezes obrigaram-no a parar no caminho de Rustenburg.

Estavam muito descansados os soldados de Lord Roberts ; agora sim, era certo ; tinham-n'o finalmente agarrado : ao norte, forças inglezas ; mais inglezes do Sul ; a oeste, Preteria ; e a este o deserto.

Dewet não teria remedio senão aceitar a batalha, para depois se render.

Era escura a noite, e, emquanto esperavam pelo dia, os inglezes ouviram constantemente o chiir de roda de carros, vozes de commando, o ruido d'um exercito que toma posições.

Indubitavelmente os boers estavam preparando o campo de batalha.

Ao romper da aurora, a vanguarda ingleza avançou e viu aquillo que suppunham ser o acampamento boer : eram trinta ou quarenta carroças desconjunctadas e vasias, danto voltas, puxadas por bois escanifrados, tísicos, marcando passo na pista d'uma especie de circo grotesco.

Os inglezes, embatucados, prenderam os conductores, seis brancos e vinte pretos, mataram os bois que já não podiam com os ossos, e retrocederam, emquanto o general Dewet, a frente de 3.000 homens, outros tantos heroes, atravessava de novo o rio Vaal e enfurecia o estado maior inglez.

Outra occasião, entre Natal, Spruit e Standerio, Dewet, perseguido, acompanhado de um comboio de munições e mantimentos, foi esbarrar a um acampamento inglez.

Não hesitou um momento ; seguiu pelo meio do caminho e avançou descaradamente. A primeira guarda avançada, um grupo de soldados que encontrara perguntou-lhe onde estava um destacamento inglez, pois tinha certeza de que lhe ia na vanguarda. Um sargento respondeu-lhe com toda a affabilidade.

O comboio seguiu como se fosse inglez por entre duas filas de barracas de campanha.

Os officaes, que comiam ao ar livre agrupados á frente da barraca do commandante, tapavam a bocca : — « Maldito comboio ! Que raio de poeira que levanta ! »

E o auzaz guerrilheiro não encontrou mais obstaculos.

Outra occasião, como nos romances, surprehen-den uma sentinella ingleza e de revólver em punho impediu que ella desse a voz de alarme.

Passaram os seus 3.000 homens e o comboio ; e durante tres horas e meia a sentinella não pôde respirar.

Dewet veste os seus soldados com os uniformes novos dos inglezes que vaee encontrando nos comboios que aprisiona.

Respeita rigorosamente a propriedade particular. Quando os seus soldados se permitiram agarrar em um sacco de cartas inglezas e começaram a abri-las, Dewet fez lhes abandonar a presa. Algumas semanas depois, os inglezes encontraram as cartas com todas as notas do banco e valores que continham.

N os centros e clubs militares de Inglaterra admira-se a bravura, a intrepidez, o caracter e a tactica do heróico general boer.

— x — x —

Mai e Junho

Mai expira . . .
As flores — tristes perguntam, das muchas bastes,
— Maio, porque vos partistes ?
— Maria, por que o levastes ?
E a gente, qual num desmaio, repete, com a alma sombria :
— Por que te partiste, Maio ?
Por que o levaste, Maria ?

Aves, na Terra, estonteadas, andam . . . morrem nos caminhos ; não na luz pelas estradas, nem ha gorgeios nos ninhos,
No céu, a lucida estrella que tremeluz, que scintilla, talvez para ninguém vela-a, tímida, fecha a pupilla.

E Maio é morto. Entretanto, reviverá dentro em breve . . .
— Oh ! mez de Supremo Encanto, que Deus, *in face*, te leve,
Já que Amor, que o Frio adora, feliz, de arco e flecha em ponto, lá do Palacio da Aurora,
— sauda a entrada de Junho !

II

Junho nasce . . .
As serranias, como que envolve se o gelo :
— As manbãs tornam-se frias, e as noites — um pesadelo !
O Inverno, demonio horrível, que Deus largou sobre o Mundo, como o gardingo terrível, tudo veigasta, iracundo !
Sobe aos Céus, e o Sol embuça nem veu de brumas espessas ; desce á Terra, e se debruça por sobre as nossas cabeças !

A todos, rapido, ataca . . .
Traz nos, a todos, de trote, cortando como uma face, vibrando como um clicote !

As flores cresta. Congela tudo, enfim, como um perverso, desde o seio da donzella, a mão que traça este verso !
E, pelos Céus azulados, ligeiros, bem como um raio, lá vão dois pompos doirados, levando o esquite de Maio.

LUIZ PISTAR

O rico e o pobre

Martinho era um rapazito, que ganhava a sua vida a fazer recados ; um dia, voltando de uma aldeia muito distante da sua, acabando-se cansado deitou-se de baixo de uma arvore, á porta de uma estalagem junto da estrada.

Estava comendo um bocado de pão que tinha trazido para jantar, quando chegou uma bella carrua-gem em que vinha um fidalguinho, com o seu preceptor.

O estalajadeiro correu immediatamente e perguntou aos viajantes se queriam aprear-se, mas responderam-lhe que lhes trouxessem um frango assado e uma garrafa de vinho.

Martinho estava pasmado, a olhar para elles : olhou depois para a sua couda de pão, para sua velha jaqueta, para o seu chapéu tido roto, e suspirando baixinho :

— Ora se fosse aquelle menino tão rico, em vez do desgraçado Martinho ! que fortuna se elle estivesse aqui e eu dentro daquella carrua-gem !

O preceptor ouviu casualmente o que dizia Mar-tinho e chamou o seu alumno que, lançando a cabeça fora da carrua-gem, chamou Martinho com a mão :

— Ficarias muito contente, não é verdade, meu rapaz, podendo trocar a minha sorte pela tua ?

— Peço que me desculpe Sr. . . replicou Martinho, chorando, o que eu disse não foi para mal.

— Não, estou zangado contigo, replicou o fidal-guinho, pelo contrario desejo fazer a troca . . .

— Oh ! está a adivertir-se commigo ! tornou Martinho, ninguém quereria estar em meu lugar quanto mais um bello e rico menino como o senhor.

« Ando muitas loguas por dia e como pão secco e batatas, emquanto que o senhor anda em uma carrua-gem, pode comer frangos e beber vinho.

— Pois bem, voltou o fidalguinho, sime quizeres dar tudo aquillo que tens e eu não tenho, doate em troca, de boa vontade, o que pusses.

Martinho ficou com os olhos espantados, sem saber o que havia de dizer, mas o preceptor continuou :
— Aceita a troca ?
— Ora essa ! exclamou Martinho, ainda m'o per-gunta ? Oh ! como a gente da aldeia vai ficar assom-brada de me ver entrar nesta bella carrua-gem !

E Martinho desatou a rir com a ideia da entrada triumphante na sua aldeia.

O fidalguinho chamou os criados que abriram a portinha e o ajudaram a descer. Mas qual foi a sor-preza de Martinho, vendo que elle tinha uma perna de pão e que a outra era tão fraca que se via obriga-do a andar em duas muletas ; depois, olhando para elle, de mais perto, Martinho observou que era muito pallido e que tinha cara de doente.

Sorriu para o rapazito com ar benevoló, e disse-lhe :

— Então sempre desejás trocar ?
Querias por ventura, si pudieses deixar as tuas pernas valentes e as tuas faces coradas, pelo prazer de teres uma carrua-gem e andar bem vestido ?

— Oh ! não, por e isa nenhuma ! replicou Martinho.

— Eu, disse o fidalguinho, de boa vontade seria pobre se tivesse saude. Mas, como Deus quiz que eu fosse alejado e doente soffro os meus males com paciencia e faço por ser alegre, dando graças a Deus pelos bens que me concedeu na sua infinita misericordia. Faz o mesmo, meu amiguinho e si comes mal, tens força e saude, coisas que valem mais que uma carrua-gem e que não se podem comprar com dinheiro.

GUEBIA J. SOUZA.

— + + + — • • — + + +

Saudade mensageira

A' ENMA, JOVEN J. V.

Minha saudade intensa, companheira Das agruras que soffro neste exilio
Vae, n'um remigio d'ave, alvigeira,
Pousar de minha Amada sobre o cilio . . .

N'uma linguagem doce e prasenteira
Diz-lhe que vivo a suspirar, o idylio
Anteg'sando, até que a vez primeira
Habitemos os dois um domicilio . . .

F lla-lhe d'este Amor que, puro, vês
N'um crescendo continuo e ininterrupto,
E diz-lhe o que eu dria se lá fora ;

Mas não te olvi tes que de cada vez
Que fallo n' o seu nome, o olhar enxuto
De subito de lagrimas se enflora.

EMILIO DE CAMPOS.

Taquara, 25 de Maio de 1901.

MOLDES



Temos a satisfação de comunicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d' *Estação*, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando-o sempre a pericia de verdadeiros artistas em materia de côrtes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras do assumpto, mo qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufama podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a fleguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem uma modicidade de nossos preços.

Para o prescute numero offerecemos :

N. 15 — Saia	15 50
N. 30 — Saia com f. lho	18 00
N. 7 — Saia	15 00

Os recados são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correto mais 100 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguem.